7.

SER e ESTAR articulados a SAdj.

Este capítulo é destinado ao tratamento dos usos de “ser” e “estar” em orações com predicadores adjetivos. Como estejamos preocupados em contribuir para a sistematização das ocorrências de “ser” e “estar” com adjetivos, necessário será considerar a classificação dos adjetivos proposta por Neves (2000) e aduzida por nós no capítulo quarto. Com base nas hipóteses de que 1) há adjetivos que exigem um e apenas um dos dois verbos e 2) há adjetivos que admitem um e outro verbo (ambos os verbos), vamos procurar determinar os tipos de adjetivos que se inserem no grupo 1, previsto na primeira hipótese, e os tipos que pertencem ao grupo 2, de acordo com a segunda hipótese, sem descuidar das ocorrências em que o adjetivo sofre alguma modificação ou especialização em seu significado.

Cabe lembrar que a análise dos dados de nosso *corpus* será empreendida com base no pressuposto segundo o qual o verbo “ser”, quando usado com adjetivos, funciona como um *operador de categorização*, ao passo que o verbo “estar” opera uma **circunstancialização** na atribuição da qualidade designada pelo adjetivo.

7.1. As ocorrências de *Ser* e *Estar* com adjetivos

Nosso *corpus* encerra adjetivos que podem ser distribuídos nas seguintes classes e subtipos, tendo em conta a proposta de classificação de Neves, por nós adaptada a fim de atender aos nossos propósitos:

1. Classe: Adjetivos qualificadores

Subtipos:

- a) de avaliação psicológica;
- b) de avaliação de propriedades intensionais/descriptivos;
- c) de valoração;
- d) adjetivos com prefixos intensificadores.

2. Classe: Adjetivos classificadores

Subtipos:

- a) adjetivos referentes a traços de identidade;
- b) adjetivos que indicam quantidade de tempo transcorrido;
- c) adjetivos que indicam localização relativa;
- d) adjetivos que delimitam o domínio de extensão do referente do substantivo;

Procederemos à análise de nosso *corpus*, considerando-se as ocorrências dos adjetivos, segundo essas classes e subtipos. Principiemos, então, com os subtipos dos adjetivos de avaliação (ou adjetivos avaliadores), pertencentes à classe dos qualificadores. Lembremos que os qualificadores são graduáveis.

- a) com adjetivos de avaliação psicológica:

Seguem-se os exemplos abaixo:

(78) Rui – A Vani, minha noiva, por exemplo, é meio psica! Pois é! Acabou de dizer um negócio completamente sem sentido. Sabe? Negócio sem sentido?

(79) Bete – Ah! Vai com calma. Vai devagar.
Tato – Ah! A Bete tá meio nervosa. É normal! É que a gente nunca foi com outro casal antes.

(80) (música: “Rasgue as minhas cartas e:: não me procure mais...”)
B – Ai! É muito deprê essa música.

(81) Vani – Eu não sei fazer sexo grupal.
Rui – não, tudo bem, Vani eu também nunca fiz
Vani – Não (v)ocê não tá entendendo eu já fiz eu sei que eu não sei fazer
Rui – hein? Você fez quando?
Vani – Antes de te conhecer?
Rui – Ué, com quem?
Vani – Com o Geraldinho, né e um casal lá amigo de Goiânia.
Rui – Vani, por que você nunca me contou isso antes?
Vani – Ah, porque foi muito traumatizante, Rui. No fim da noite, o pinto do cara cheirava igual fim de feira.

(82) Rui – Por que você está falando desse jeito?
Vani – Que jeito?
Rui – Desse jeito... Vani o que que houve?
Vani – Que houve? O que Rui? Eu tou tão calma aqui.

Rui – Calma o que Vani? Fala pra mim, desembucha. O que que aconteceu?

Vani – Desembucha o que? O que você tá falando, Rui. Eu tou tão calma no meu canto.

(83) Vani – Impressionante, cara.

Rui – É mesmo.

Vani – Depois se a gente falar vão dizer que a gente é maluco.

Rui – É, pois é, vão falar.

(84) Waldo – Você não me disse que sua amiga Vani era completamente maluca?

Luana – Ta louco, né?

Vani – O quê? Você disse que eu era maluca?

Luana – Eu não falei isso, peraí, deixa eu explicar.

Rui – Falou, completamente maluca.

Luana – Ah, deixa eu explicar.

Luana – Quando você diz que uma pessoa é completamente maluca, não quer dizer realmente que ela seja maluca.

Vani – Ah, não, quer dizer o quê?

(85) Waldo – Não, não contei nada. Não falei nada sobre ela nenhuma. Não existe ela. Vocês é que são loucas de tirar conclusões que a gente disse coisas que a gente não disse pra dizer pra gente que a gente disse.

Vani – Louca o quê? Louco é você.

Waldo – Vocês são loucas.

Vani - Que louca o quê?

Waldo - É esse papo pra mim, eu não estou entendendo desde do início eu não entendi nada.

(86) Luana – Para, que isso você tá louco, não pode.

Rui – Não peraí vem cá.

Luana – Não, pelo amor de Deus, você tá tão louco. O que que é isso cara?

Rui – Que isso, que isso, Rui. Pera aí, peraí. Que que eu fiz, desculpa.

Em todos os casos, ocorrem adjetivos que expressam uma avaliação de ordem psicológica. Tomem-se os três primeiros exemplos. Em (78), devemos notar, em primeiro lugar, que o adjetivo ‘psica’ parece denotar mais ou menos o mesmo que ‘psicótica’ ou ‘neurótica’. Pela vizinhança semântica com esses dois adjetivos, que caracterizam quem sofre, respectivamente, de psicose e neurose, a forma coloquial ‘psica’ parece ter o mesmo comportamento sintático-semântico

daqueles adjetivos, a saber, exige o verbo “ser”⁹⁴. A escolha pelo uso de “ser” serve, de acordo com a perspectiva do falante, para inserir a pessoa a quem ele se refere na classe ou grupo de pessoas cujo comportamento desborda um senso de ‘normalidade’. Por força da natureza semântica da forma ‘psica’ que pode cumular em seu bojo toda sorte de preconceitos, o uso do verbo “ser” atualiza uma rotulação da entidade referida pelo sujeito.

Atentemos, agora, para o caso (79). O adjetivo “nervoso” diz de uma pessoa tomada de grande agitação, ira ou ansiedade. Trata-se de um estado psicofísico em que alguém se pode encontrar sob efeito de uma situação estressante. A possibilidade mesma de depreender do uso do adjetivo ‘nervoso’ os conteúdos ‘estado passível de mudança’ ou ‘estado resultante de mudança’ torna-o compatível com o uso do verbo “estar”. O falante, ao enunciar “Bete está nervosa”, opera uma avaliação de seu estado circunstancial. Oportuno é lembrar, aqui, o exemplo, oferecido por Azeredo (2000, p. 85), ao tratar da distinção aspectual entre “ser” e “estar” - “Não se preocupe, esta chuva é passageira”, o qual valida as duas observações seguintes. A primeira delas é que não é verdade que o verbo “estar” seja sempre compatível com adjetivos que comportem o traço semântico [+ transitoriedade]; a segunda é que o exemplo corrobora a função categorizadora do verbo “ser”. Malgrado o fato de ‘passageira’ indicar a ideia de transitoriedade, o uso de “ser” serve para tipificar a chuva, para inseri-la na classe das chuvas de curta duração.

À semelhança do que sucede em (78), em (80), o uso do verbo “ser” serve para classificar a referida música entre as que provocam desânimo, tristeza em quem as ouve. Trata-se de músicas “depressivas”. De passagem, valeria notar que, embora fosse possível o uso de “estar”, nesse caso, o efeito de sentido seria outro. Não mais a música seria considerada um tipo de música “depressiva”, mas se consideraria o efeito psicológico causado circunstancialmente por ela. Numa possível versão “Está muito deprê essa música”, o que o falante expressaria é o estado de desânimo circunstancial que ele estaria experimentando, ao ouvir a música.

⁹⁴ Não estamos sugerindo que “psicótico” e “neurótico” não possam ser usados com “estar”, na linguagem ordinária, muito embora nos pareça que, em um uso mais especializado e técnico, a forma “ser” seja mais corrente e preferível, sobretudo porque tais adjetivos qualificam pessoas portadoras de patologias que não se adquirem temporariamente ou circunstancialmente, mas que permanecem com elas por toda a vida. Sabe-se que todos somos portadores de traços neuróticos, por exemplo.

Antes de considerarmos o exemplo (81), atendamos ao exemplo (82). Nesse exemplo, ocorre o adjetivo “calma”. Esse adjetivo admite o uso tanto de “ser” quanto de “estar”. Com o uso de “estar”, Vani busca caracterizar seu estado psicológico circunstancialmente. Parece-nos que há elementos co-textuais (informações precedentes) que nos ajudam a compreender a motivação para a escolha de “estar” em vez de “ser”. Em primeiro lugar, notemos que Rui está preocupado com certo jeito de falar de Vani; ele supõe que esse “jeito de falar” dela tem alguma razão (possivelmente, de ordem psicoemocional). No entanto, Vani, fingindo não compreender a preocupação de Rui com seu “jeito de falar”, diz estar calma, ou seja, diz não haver nada que dê razão à preocupação de Rui. Mas Rui, sendo noivo de Vani – e, portanto, conhecendo-a bem – parece ter fortes motivos para suspeitar de que a noiva está com algum problema. Ele sabe – ainda que esse conhecimento possa ser do tipo “estereotipante” – que Vani não é uma pessoa calma. O uso de “estar” por Vani não contribuiu para demover Rui de sua insistência em saber o que estava acontecendo com a noiva, muito embora tenha sido adequado à atribuição a si de um estado de serenidade circunstancialmente delimitado.

Em (81), há um exemplo de adjetivo formado pelo sufixo “-nte”, que serve à avaliação psicológica. Formalmente, esses adjetivos parecem admitir, em geral, tanto “ser” quanto “estar”. Vejam-se, por exemplo, “A conversa estava/ era irritante” e “O rapaz estava/ era atraente”. Não obstante, a forma “traumatizante” não parece ser compatível com “estar”. Essa incompatibilidade parece dever-se à própria semântica da palavra. Em psicologia, “traumas” são marcas psíquicas que perduram numa pessoa, que, em geral, os recalca. No caso em tela, a personagem Vani expressa, com o uso de “traumatizante” o efeito traumático provocado por uma relação sexual experienciada no passado. O uso de “ser” serve para inscrever, em sua memória, a experiência sexual entre os eventos que lhe causaram ou lhe causam “traumas”.

Consideremos, por fim, os exemplos (83), (84), (85) e (86). O efeito de rotulação obtido com o uso de “ser” parece evidente em (83). Saliente-se que os adjetivos “maluco” e “louco” admitem “ser” e “estar”. Rui e Vani receiam que viessem a ser tachados de malucos, se dissessem o que estariam pensando em dizer. Escusa dizer que “maluco” e “louco” foram empregados para caracterizar pessoas que se consideram psicologicamente “desequilibradas”. Também em (84),

claro nos parece o valor de rotulação obtido com o uso de “ser”. É claro que o efeito de rotular é dependente da natureza semântica do adjetivo. Os adjetivos “maluco” e “louco” já trazem em si uma carga pejorativa. De passagem, vale notar que o uso de “estar”, em (84), no lugar de “ser”, embora possível, veicula pressupostos ausentes do uso de “ser”. Em primeiro lugar, seu uso poderia sugerir que o enunciador se referia a um episódio, no passado, em que Vani deu sinais de “desequilíbrio psicológico”. Em segundo lugar, seu uso permitiria pressupor que o referido estado já não é uma realidade atual, tendo como ponto de referência o momento de enunciação. O uso de “estar” sinalizaria para uma circunstancialização do estado de desequilíbrio psicológico de Vani; ao contrário, essa circunstancialização não se verifica com o uso de “ser”, muito embora ele integre um estado-de-coisas referido ao passado. Assim, Vani se inscreve, na memória do enunciador, como um membro da classe das pessoas que ele considera “malucas” e isso pode continuar sendo verdadeiro para ele, enunciador, mesmo que tenha sido enunciado num momento indefinível e anterior ao momento da enunciação.

Cotejem-se (85) e (86). Devemos ponderar que a palavra “louco” não tem o mesmo efeito de sentido nos dois casos. Em (85), parece qualificar pessoas que abusam do bom-senso, pessoas a quem falta a capacidade de atender às expectativas em relação à observância de certas regras de raciocínio; em (86), por outro lado, “louco” parece referir-se a uma pessoa bastante excitada, exaltada, a uma pessoa cujo comportamento excede os limites desejáveis ou previstos situacionalmente. Se, em (85), o uso de “ser” confere à predicação, mediante “louco”, a propriedade de categorizar (por meio de “ser”, opera-se uma categorização do sujeito); em (86), o uso de “estar” indica que o comportamento desmesurado e o estado de agitação atribuíveis a pessoas de quem podemos dizer estar “loucas” são circunstanciais. Lembramos aqui a possibilidade de depreender do uso de “estar” os conteúdos ‘estado passível de mudança’ ou ‘estado resultante de mudança’. Pense-se, à guisa de ilustração, na oposição depreendida de “Você está louco ou é louco?”.

Em (87) e (88), a seguir, também ocorrem adjetivos de avaliação de ordem psicológica.

(87) Vani - Muita gente invejosa, aí em cima da gente.

Rui - Essa Susy aí, tua amiga é muito invejosa.

Vani - Você acha?

Rui - É muito invejosa.

(88)Vani - Então vamos num terreiro mesmo, Rui.

Rui - Vani, eu fico muito grilado de repente, sei lá abaixar um santo em você, eu não! Como vou te encarar depois?

Vani - Você tem que ser forte Rui.

Vani - Rui, se por acaso precisar fazer um despacho na rua, você faz comigo.

Rui - Ah, peraí, Vani, eu sou muito tímido para essas coisas.

b) Com adjetivos de avaliação de propriedades intensionais

Contemplem-se, doravante, as ocorrências de adjetivos de avaliação de propriedades intensionais, os quais expressam qualidades que servem para descrever o substantivo a que se referem. Cumpre distinguir entre ‘avaliar’ (determinar) e ‘valorar’ (atribuir um valor, que pode ser euforicamente orientado isto é, orientado para o bom, o positivo ou disforicamente orientado, isto é, orientado para o mau, o negativo). Para os casos de avaliação de propriedades intensionais, supõe-se que as propriedades são simplesmente reconhecidas objetivamente pelo sujeito. Assim, quem diz “Essa borracha é dura”, reconhece a ‘dureza’ como propriedade do objeto ‘borracha’, mas quem diz “Essa borracha é bonita” valora positivamente o objeto.

Os adjetivos que servem para expressar uma definição envolvem a ideia de ‘quantidade’, tais como “demorado” (em que há muita demora), “rápido” (em que há muita velocidade), “rigoroso” (em que há muito rigor), etc. Conquanto tenham ocorrido em nosso *corpus* alguns adjetivos que se enquadram na classe dos que se destinam a definir, segundo a proposta de Neves (2000, p. 189), não estamos interessados em manter rigorosamente a distinção entre adjetivos que definem e adjetivos que descrevem as propriedades do substantivo (avaliadores de propriedades intensionais); ela não só não nos parece nítida, como também não nos parece relevante. Para os nossos propósitos, importa verificar e descrever como esses adjetivos se comportam com os verbos “ser” e “estar”. É o uso de tais verbos com esses adjetivos que nos interessa de fato. No entanto, manteremos a

distinção entre as classes dos adjetivos de avaliação de ordem psicológica, dos adjetivos de avaliação de propriedades intensionais e dos adjetivos valorativos.⁹⁵

Vejam-se os exemplos seguintes, em que figuram adjetivos avaliadores de propriedades intensivas e adjetivos de valoração. Em geral, trata-se de subtipos de adjetivos qualificadores que se combinam quer com “ser”, quer com “estar”:

(89) Rui – Olha, gente, hoje nós temos uma promoção espetacular.
 Vani – Assista Os Normais e depois faça a viagem dos seus sonhos.
 Rui – É muito simples: primeiro você assiste o programa.
 Vani – E amanhã você vai pro aeroporto.
 Rui – Fazer a viagem dos seus sonhos.
 Vani- É aí passagem, hospedagem, refeição tudo por tua conta.
 Rui - E porque a gente está completamente duro.
 Vani- Eu não tenho nada a ver com isso.

(90) Luana- Um quadrilátero amoroso; agora complicou de vez.
 Vani - Quadrilátero amoroso, bobó de camarão, a domicílio, agora complicou de vez.
 Waldo - Ih! Quadrilátero amoroso, bobó de camarão a domicílio e apenas um banheiro, agora complicou de vez.
 Rui - Um quadrilátero amoroso, bobó de camarão a domicílio apenas um banheiro, e Bituca agora complicou de vez.
 - Hum tá quente.
 - Tá quente, dá uma soprada.

(91) Vani - Mas fora isso, teu dia como foi?
 Rui - Meu dia foi normal.

Em (89), “duro” significa “sem dinheiro” ou “desprovido de dinheiro”. A escolha por “estar” circunstancializa a condição de “desprovido de dinheiro”. A opção por “ser” acarretaria outro efeito de sentido. Nesse caso, o enunciador expressaria sua condição de membro pertencente à classe dos “pobres”, “dos desprivilegiados socioeconomicamente”. Não é esta a imagem que pretende construir de si (e do parceiro). O uso de “estar” sinaliza para o fato de que a carência de recursos para custear a viagem é circunstancial e uma das razões que impossibilitam o custeio. Em (90), o enunciador emite uma avaliação

⁹⁵ Nem sempre é fácil traçar uma linha demarcatória entre a classe dos avaliadores psicológicos e a dos valorativos. Veja-se que, numa frase como “O acidente foi terrível”, “terrível” pode expressar o terror causado no falante (efeito psicológico), como o juízo negativo (valoração) que ele faz do evento.

circunstancial sobre a temperatura do “bobó de camarão”. É interessante notar que adjetivos atinentes à experiência de temperatura (quente, frio, morno), embora possam se combinar com “ser”, usam-se sistematicamente com “estar”, mormente porque são compatíveis com os conteúdos pressupostos “estado resultante de mudança” e “estado passível de mudança”. Esses adjetivos designam estados passíveis de transmudar um no outro. Assim, uma sopa que está quente, alguns instantes depois, passa ao estado de fria. Não se segue daí que não se possa usar o verbo “ser”. Quem, num restaurante, dissesse “A sopa daqui é quente”, estaria tipificando a sopa deste restaurante, isto é, estaria dizendo que, naquele restaurante, a sopa é servida sempre quente. Do ponto de vista cognitivo, a referida sopa encontra um endereço categorial na memória do enunciador, de modo que sempre que desejar comer uma sopa quente tenderá a se lembrar daquela sopa específica que é servida naquele restaurante que costuma frequentar. Conquanto não possamos nos ocupar desta problemática neste estudo, convém dizer que o uso de certos adverbiais temporais parece neutralizar a oposição semântico-discursiva entre “ser” e “estar” com adjetivos desse tipo. Assim, por exemplo, não parece haver diferença clara entre “A sopa daqui é (sempre) quente” e “A sopa daqui está sempre quente”. O advérbio “sempre”, na oração com “estar”, marca a constância, a frequência na relação da qualidade “quente” com o sujeito “sopa”. Em outras palavras, “sempre” indica que o estado de “quente” é constantemente sentido por quem consome a sopa.

Em (91), o enunciador, ao usar o adjetivo “normal”, para qualificar o seu dia, avalia-o de modo ‘neutro’. O uso de “ser” opera uma categorização na qualificação do sujeito por meio do adjetivo “normal”. Embora admita o uso de “estar”, o contexto sociocognitivo parece ser determinante do uso de “ser”. Particularmente importante é o papel dos conhecimentos linguístico e interacional. O uso de “estar” – “meu dia estava normal” – acarretaria a expectativa por parte de Vani de continuidade narrativa e implicaria Rui no papel de fornecer informações complementares. Por exemplo, “meu dia estava normal, até que o pneu de meu carro furou”. Assim, o uso de “estar” favoreceria um contexto discursivo em que novas informações deveriam ser acrescentadas, sob pena de o enunciado “meu dia estava normal” não fazer sentido. Dois fenômenos devem ser aí contemplados, quando reconhecemos a necessidade de tais informações: o primeiro diz respeito ao uso do próprio verbo “estar”; o segundo toca ao emprego

deste verbo no pretérito imperfeito do indicativo (tempo que serve à atualização do plano de fundo da narrativa (descrição)). Ademais, com “estava”, atualiza-se o aspecto imperfectivo, o que torna possível perspectivar o estado-de-coisas representado em “meu dia estava normal” como parte de uma sequência de eventos. Sucede diferente com o uso de “foi”, que atualiza o aspecto perfectivo, de tal modo que o estado-de-coisas pode ser visto como um “todo”, como uma “unidade fechada”.

Tomem-se, agora, os exemplos (92), (93), (94).

(92) Rui – É um pouco acima do que eu pensava pagar. Mas vem cá, como é que você é?

Michele – Ah! Difícil assim falar por telefone, mas você vai gostar do tratamento.

Rui – Sim, mas é você é assim é alta ou baixa?

Michele – alta. Você vai receber alta. Pode ficar tranqüilo.

Rui – Cabelinho é curto, comprido?

(93) No banheiro, Vani vomita dentro do reservado.

Bete – Menina, eu era assim que nem ela. Me entupia de comida, ia para o banheiro e argh, argh, argh. Né, parece maluco, né? Não é não? Isto é uma psicose. Psicose, menina. A pessoa está magra, mas pensa que está uma bolota. Ah, mas tudo bem Agora, eu estou tomando este antidepressivo aqui. Tarja preta que deixa a pessoa descacetada.

(94) Michele – Não, como você preferir. Se você quiser vir aqui tudo bem. O apartamento é que nem pinto de japonês é pequeno, mas é limpo. Não, pode vim, não precisa marcar hora não. Somos três garotas morando aqui. Sempre tem um lugar vago. Anota o endereço: Professor Leitão, 77, 401. Anotou?

Em todos esses casos, ocorrem adjetivos que servem de avaliadores de propriedades intensionais do substantivo a que se referem. Atentemos para o exemplo (92). Os adjetivos “alta”, “baixa”, “curto” e “comprido” são usados com o verbo “ser”. Avulta aí a importância do contexto sociocognitivo. Em primeiro lugar, devemos notar que os enunciadores compartilham entre si conhecimentos sobre o modelo de contexto representado. Rui assume o papel de cliente num contexto mais global que poderíamos denominar de ‘mercado sexual’. Ele usa o telefone para solicitar favores sexuais a uma meretriz e busca saber informações sobre os atributos físicos dessa mulher. Seu interlocutor, a meretriz Michele, que assume o papel de prestadora de serviços, reconhece a Rui o direito de assim

proceder. Nessa relação, Michele se transforma numa mercadoria sobre cujas qualidades Rui deseja saber, antes de usufruir o produto que comprará. O uso do verbo “ser” é o uso adequado, já que serve à classificação do produto com base nas qualidades a ele associadas.

Vejam-se, agora, os exemplos (93) e (94). Em (93), figura o adjetivo “magro”, que, à semelhança de seu antônimo correlato “gordo”, não faz restrição à seleção entre “ser” e “estar”. O contexto também não impede que ocorra “ser”. No entanto, “magro”, assim como “gordo” e “forte” de um lado; “quente”, “frio”, “morno”, de outro, são adjetivos cujo uso é compatível com os conteúdos pressupostos ‘estado resultante de mudança’ ou ‘estado passível de mudança’, sistematicamente relacionados ao verbo “estar”. A pressuposição desses conteúdos não é possível com o uso de “ser”. Sugerimos que, em casos como esse, em que a escolha entre “ser” e “estar” se dá livremente, visto que nem o predicador nem o contexto fazem qualquer restrição, o professor discuta com seus alunos os possíveis efeitos de sentido obtidos quando da escolha de uma dentre as duas formas possíveis, tendo em vista o princípio segundo o qual toda escolha é funcionalmente motivada, embora nem sempre conscientemente motivada. De qualquer modo, em (93), o falante, ao usar “estar”, escolheu por circunstanciar a atribuição da qualidade ao sujeito, ou seja, o estado de magreza é circunstancialmente associado ao referente de “a pessoa” (que pode ser qualquer uma, inclusive o próprio enunciador).

Quando cotejado com (93), o caso (94) se nos revela mais interessante. Devemos notar que os adjetivos “pequeno” e “limpo”, que designam qualidades objetivamente apreendidas, admitem tanto “ser” quanto “estar”, mas, no contexto representado por (94), apenas o uso do verbo “ser” atende ao propósito do enunciador de classificar seu apartamento como um apartamento apazível (é limpo), ainda que não seja espaçoso e suntuoso (é pequeno), e, portanto, adequado para receber clientes. Não poderíamos deixar de notar que o uso de “estar” produziria efeitos de sentido, provavelmente, não desejáveis ao enunciador. Se, por exemplo, ao invés de “ser”, ocorresse “estar” em “mas está limpo”, o interlocutor poderia inferir que ocasionalmente o apartamento fica “sujo”, “bagunçado”; o uso de “estar” poderia desencadear, inclusive, por generalização, inferências negativas sobre o asseio ou os hábitos de higiene do próprio enunciador. Tendo, no entanto, escolhido usar “ser”, o enunciador escolheu operar

uma categorização, com base nas qualidades predicadas, do referente de “o apartamento”.

Considerem-se ainda estes últimos exemplos em que “ser” e “estar” ocorrem com adjetivos de avaliação de propriedades intensionais.

(99) Rui - Que é isso? Pô numa situação como essas, você tem que agir normalmente, né porque qualquer incidente pode tornar esta situação, uma situação constrangedora. Ih! Neném, ó não pode ficar aqui não. Aqui é fundo. Não fica me olhando assim de boca aberta, não se não o bicho papão vai te pegar, psicologia infantil.

(100) Contexto – na locadora, Vani e Rui procuram pelos filmes e encontram um casal de desconhecidos

(entrando na locadora)

Vani – Rui...

Rui – ih, está cheio pra caramba.

Rui – bom, eu acho melhor a gente se separar.

(101) Vani - Só faço massagem com massagista mulher. Porque aí você não fica preocupada se ela tá pegando naqueles lugares, né se tá vendo pedaços do seu corpo que nem você está acostumada ver. Por exemplo, jamais deixaria que um massagista homem pegasse na minha bunda do jeito que ela está pegando, Sei lá, né! Ai, Ai

Saulo- Tá muito forte?

Vani- Um pouquinho

(102) Marta - Tá vendo?

Rui- Tô tá imensa, hein. Nossa tá até quente, caramba.

Marta - Tá doendo tem uns três dias..

Não obstante a ocorrência da forma dêitica “aqui”, em (99), que, na situação representada, significa “o lugar em que estamos”, usa-se o adjetivo “fundo”, acompanhado de “ser” para definir uma região da piscina em que se encontravam os interlocutores (Rui e uma criança). O uso de “ser” parece explicar-se com base no conhecimento pressuposto como partilhado, segundo o qual piscinas podem ser divididas numa parte rasa e numa parte funda. Subjacente ao uso de “ser”, atua um esquema perceptual-cognitivo de categorização, na base do qual a experiência com a piscina pode ser classificada em termos da presença ou ausência do traço ‘profundidade’. Não pretendemos sugerir a conclusão pela impossibilidade de uso do verbo “estar”, nesse caso. Decerto, é possível encontrar

no uso da língua uma construção como “Aqui está fundo”⁹⁶. cremos que, por força da ocorrência do adverbial locativo, “estar” tem um valor situacional ou posicional, de sorte que parece possível pressupor um deslocamento espacial do falante de uma região rasa para uma região funda.

Em (100), o predicador “cheio”, não sem levar em conta a situação imediata, é que nos permite desenvolver uma explicação para o uso de “estar”. De fato, “cheio” admite a ocorrência de “ser” e, nesse caso, se reveste de um valor classificatório, como, por exemplo, em “Esse shopping é sempre cheio”. Aqui, trata-se de um shopping cuja grande frequência é uma de suas marcas. Não se pode negar, contudo, que “cheio” ocorre sistematicamente com “estar” e parece prever seu uso, em virtude de sua natureza semântica. Esse adjetivo evoca a ideia de ‘conteúdo’ ou ‘grande quantidade de’, que se harmoniza com a ideia de localização inferida do uso de “estar”. Via de regra, “cheio” é um predicador que seleciona um argumento que comporta o traço semântico [+ locativo], ou seja, o seu sujeito é preenchido, geralmente, por um substantivo que designa ‘lugar onde’⁹⁷.

Na situação representada, Rui se dá conta de que a locadora está cheia de clientes afoitos para pegar filmes. A caracterização do estado em que se encontra o lugar, por meio do uso de “estar”, é motivada pela experiência imediata desse estado que é constatado. Embora tenha sido empregada a forma masculina do adjetivo “cheio”, por referência exofórica, recuperamos o sujeito “a locadora”.

O uso de “estar”, nesse caso, supõe essa experiência de constatação e é sobre essa experiência que repousa esse uso. A ocorrência de “ser” não só não supõe tal experiência, como parece ser incompatível com ela.

Em (101), constituem fatores importantes para explicar a ocorrência de “estar” com o adjetivo “forte” a natureza semântica do argumento (sujeito) e a própria situação. Com base no co-texto, pode-se inferir que “massagem” é o sujeito de “está muito forte”; portanto, trata-se de um sujeito representado por um substantivo que comporta o traço ‘processo’. O enunciador pergunta ao seu interlocutor sobre o efeito que a medida de força (ação que modifica um estado) empregada na atividade de massagem está lhe causando. O que se caracteriza é,

⁹⁶ Uma busca no *Google* permitiu-nos constatar as ocorrências “aqui está raso, aqui está fundo”, em <http://norma.blog.terra.com.br/page/28/>.

⁹⁷ Essa descrição visa a captar formas padronizadas; portanto, não recobre ocorrências, atestadas, como “Ele é cheio de garotas”, “Ela é cheia de vestidos”, “Ele é cheio de não-me-toques”, etc.

pois, um processo, uma atividade que se desenvolve, numa circunstância bem definida. O recurso apropriado para circunstanciar essa caracterização é o verbo “estar”.

Embora admita o uso de “ser”, o predicador “imensa”, em (102), é compatível com o conteúdo pressuposto ‘estado resultante de mudança’. Na situação representada, a personagem Rui está espremendo uma espinha nas costas de Marta. O adjetivo “imensa” qualifica o substantivo “espinha”, que preenche a posição de sujeito, que é inferido com base em conhecimentos partilhados entre os interlocutores. O uso de “estar” com “imenso” parece depender de propriedades semânticas do sujeito. Assim, a princípio, o sujeito tem de ser passível de sofrer uma modificação ou transformação, em sua forma, aspecto, quantidade ou dimensão. Numa situação em que alguém se deparasse com uma televisão e dissesse “Esta televisão está imensa”, a escolha por “estar” causaria, no mínimo, estranhamento em seu interlocutor. Por outro lado, alguém que tivesse o conhecimento prévio de que o vizinho estava ampliando sua casa e, ao constatar o resultado da reforma, dissesse “Sua casa está imensa” não suscitaria qualquer estranhamento, visto que a escolha por “estar” repousou sobre o conhecimento prévio de que a casa estava sofrendo uma mudança. Não ignoramos, no entanto, casos dos quais nossa suposição não parece dar conta. Por exemplo, alguém que vestisse uma camisa de medida maior do que a medida de camisas que costuma usar, poderia ouvir de seu interlocutor um enunciado como “Nossa! Essa camisa está imensa em você”. Na verdade, não seria necessário que o constituinte “em você” ocorresse, para que o uso de “estar”, nessa situação, se tornasse aceitável. Basta que ele seja suposto e tomado como elemento de referência a partir do qual a qualidade “imensa” pode ser atribuída circunstancialmente ao substantivo “camisa”, como se esse estado da camisa fosse suscetível de variação segundo a pessoa que a vestisse.

Ciente de que essa especulação excede os limites da conveniência de nosso estudo, vamo-nos cingir a dizer, de passagem, que o uso de “ser” poderia ter ocorrido em (102); mas, nesse caso, operar-se-ia uma categorização do referente “a espinha” com base na propriedade “imensa”.

(103) Rui - Hein. O que tá acontecendo aqui?
Saulo - Foi ela quem pediu.

Rui - Hein

Saulo- Foi ela quem pediu...

Rui- Hein

Vani- Não fui eu que pedi não.

- Foi esse filho da mãe

Rui- Tá falando...

(Ai, Ai, Ai)

Rui- Você está fanha. Você estava onde?

(104) Rui – Oh, faz o seguinte se eu não voltar em cinco minutos você pega o que conseguir e se manda

Vani – tá vamos rápido.

Rui – Esses caras que vêm aqui pegar vídeos são muito criativos.

(105) Rui– Sabe uma coisa que eu não entendo, elevador lento. Não está lento, hein?

(106) Vani – Ai! Meio perigoso esse lugar aqui, né não?

Rui – Falei que é perigoso. Todo baile funk morre uns três ou quatro.

Por fim, atentemos para estes quatro exemplos acima. O adjetivo “fanho”, em (103), caracterizando o modo de alguém falar como se os sons vocais fossem todos nasalizados, tende a designar um traço identitário, não raro, suscetível de provocar atitudes depreciativas. Nesse caso, seu valor classificador torna-se evidente. O uso de “ser” parece ser mais sistemático com esse adjetivo. No entanto, a escolha por “estar” indica que o estado fanhoso foi adquirido circunstancialmente pela personagem Vani. Tendo em conta conhecimentos prévios pressupostos como partilhados pelos interlocutores (por exemplo, Rui detém o conhecimento de que Vani não é fanha) e a forma declarativa do enunciado, o uso de “ser” não seria adequado. No exemplo (104), o uso do verbo “ser” permite que o referente de “Esses caras que vêm aqui pegar vídeos” (sujeito já modificado por uma oração adjetiva restritiva, a qual, portanto, delimita a extensão da referência) seja inserido na classe das pessoas consideradas criativas pelo enunciador. Em (105), o enunciador busca saber se seu interlocutor também tem a sensação da ‘lentidão’ do elevador, uma lentidão que se percebe circunstancialmente. O uso de “estar” sinaliza para o fato de que o estado de lento, associado ao elevador, é circunstancialmente percebido. O uso de “ser”, também possível, expressaria o interesse do enunciador em saber se seu interlocutor concorda em classificar esse elevador como “lento”. Finalmente, em (106), chamamos atenção para a possibilidade de inferir a ocorrência de “ser” no turno

de fala de Vani (“É meio perigoso esse lugar aqui”). Rui diz que, em um momento anterior, havia dito que o lugar é perigoso. A razão pela qual ele é assim considerado é apresentada em “todo baile funk morre uns três ou quatro”. Conquanto seja possível o uso de “estar”, é o verbo “ser” que serve à expressão da crença de que o referido lugar deve incluir-se entre os lugares perigosos, de acordo com a avaliação do enunciador.

Antes de levar a efeito a análise dos usos de “ser” e “estar” com adjetivos de valoração, convém considerar, de passagem, um caso em que figura o adjetivo “sozinho”. Embora seja da classe dos qualificadores, visto que não serve para inserir o substantivo que modifica numa classe, não parece acomodar-se a nenhum dos subtipos propostos por Neves e por nós adotados. Por conseguinte, chamaremos-lo de “qualificador situacional”, visto que ele caracteriza o substantivo em termos da situação espacial de seu referente e tendo em conta um dado universo de referência.

(107) Tato – (riso nervoso) É que eu não tou sozinho. Ela pediu pra eu destruir o pão. Tá de regime. Não que ela seja gorda.

Rui – Ah! Entendi!

Tato – Ham?

Rui – Eu entendi!

Assumindo o pressuposto de que “sozinho”, por seu valor posicional, é compatível sistematicamente com “estar”, combinação de que resulta a ideia de que “o estar só” é circunstancial, torna-se clara a diferença de significado que se apreenderia do uso do verbo “ser”. Não estamos sugerindo que o verbo “ser” poderia comutar com “estar” em (107). Decerto, informações contextuais dão base para a rejeição do verbo “ser”. A personagem Tato, preocupado com o fato de os clientes do restaurante pensarem que ele estava num restaurante desacompanhado de uma mulher, enunciou “eu não estou sozinho”, para dizer que ele não é um homem que está ali sem uma companhia. O uso do verbo “ser” acrescenta um matiz semântico tal ao adjetivo “sozinho”, que ele passa a caracterizar um modo de ser, de viver, ou mesmo um traço de personalidade. Nesse sentido, ele se aproxima do significado da palavra “solitário”, adjetivo que se combina com muita regularidade com “ser”, embora não rechace o uso de “estar”.

c) com adjetivos de valoração.

Ainda que não caiba aqui descer a pormenores sobre o significado e a funcionalidade dos valores, sobretudo dos valores culturais, à luz da sociologia, não nos esquivaremos de definir o que entenderemos por “valoração”. Para tanto, necessário se faz notar que valores servem para classificar qualquer coisa, desde abstrações até estados de ser, passando por comportamentos, características pessoas, experiências, etc. O valor é sempre uma ideia que orienta indivíduos ou comunidades de indivíduos a classificar alguma coisa, segundo critérios, socialmente estabelecidos, tais como desejabilidade (uma coisa é mais ou menos desejável por um indivíduo), mérito (algo merece apreço, adesão) ou perfeição.

Uma ideia torna-se um valor, se serve para categorizar as coisas em relação umas com as outras. A cultura, como teia de significações, é responsável pela produção, transmissão e hierarquização de sistemas de valores; mas, a par dos valores propriamente culturais, cuja existência é assumida como externa ao indivíduo e independente de sua vontade deliberativa, há valores que acabam se confundindo com gostos e preferências mais ou menos subjetivas, caso em que a única autoridade à qual devemos atribuí-los é o próprio sujeito.

Como acreditemos ter iluminado os aspectos essenciais da significação e funcionalidade do termo “valor”, vamos situá-lo no domínio da linguagem. Na prática linguística, muitas vezes, “valor” assume o significado de opinião e remete a questões que envolvem subjetividade, afetividade e tomadas de posição (Charaudeau & Maingueneau, 2006). Na perspectiva da semântica discursiva, valorar implica sempre um julgamento de valor que expressa uma tomada de posição, como em “É muito legal o seu boné”. À luz da Teoria da Valoração, desenvolvida no interior da Linguística Sistêmico-Funcional, por autores como James Robert Martin, cuja produção intelectual sofreu influência dos pensamentos de Halliday e Hasan, com os quais estudou linguística na Universidade de Essex, Reino Unido, a valoração recobre atitudes, julgamentos, avaliações. As avaliações podem ser positivas ou negativas e envolvem afetos, sentimentos, emoções. A teoria de valoração de Martin faz distinções muito sutis que não nos interessam aqui.

Como é praticamente impossível deixar de expressar julgamentos de valor ao usar a linguagem, ou, dizendo mais precisamente, sendo praticamente impossível pretender “depurar” o uso da língua de julgamentos de valor, a valoração parece ser um fenômeno bastante geral no uso da língua, abarcando não

só o léxico, mas também a sintaxe. No domínio do léxico, pode expressar-se por meio de palavras que, semanticamente, não comportam ‘carga valorativa’, como “inteligente”, mas que podem sinalizar, no uso, uma atitude de avaliação positiva. Em “Maria é inteligente; o irmão, nem tanto”, “inteligente” marca uma atitude de valorização positivamente orientada para “Maria”. Não perdemos de vista também o fato de que palavras que exprimem valores servem para sinalizar a orientação argumentativa assumida pelo enunciador na produção de seu discurso.

Tendo em vista o exposto e levando-se em conta os nossos propósitos, vamos assumir que os adjetivos entendidos como especializados para atualizar valorização expressam atitudes, emoções ou julgamentos estéticos orientados euforicamente (em direção ao que é bom, agradável, positivo) ou disforicamente (em direção ao que é mau, desagradável, negativo).

Considerem-se os exemplos a seguir:

(108) Rui - Aí sua amiga desce, ela passa a alfândega, imigração, tem o desembarque, Free Shop, aí depois digamos meia hora vocês se encontram.

Vani - Isso

Rui - Ai 15 minutos, oi, você tá linda, você também. Retornamos ao carro, aí pegamos um belíssimo de um engarrafamento às 8h da manhã.

Vani- Aí explode uma bomba...acabou o mundo.

(109) Tato – Ei! É linda, não é? (mostrando uma foto na carteira para as pessoas das mesas em volta) É minha namorada. Foi... foi fazer xixi. Já deve estar voltando.

(110) No restaurante:

Rui – Hum!

Vani– Ta ótimo!

Rui – Olha que delícia! Tá uma delícia, hein? Tá não?

Comparem-se os exemplos (108) e (109). Neles, ocorre o adjetivo “linda”, que expressa uma avaliação estética. Em (108), Rui descreve como seria a situação em que Vani reencontraria a amiga, cuja vinda era aguardada, no aeroporto. Embora “linda” admita o uso tanto de “ser” quanto de “estar” os modelos de contexto compartilhado entre Vani e sua amiga é que vão determinar o uso de “estar” em vez de “ser”. Trata-se de uma situação de reencontro entre duas pessoas que já não se viam havia algum tempo. A ocorrência de “estar” na

fórmula elogiosa “você está linda”, mais ou menos estereotipada em situações como esta, serve à circunstancialização da atribuição da qualidade ao sujeito. De um ponto de vista pragmático, essa circunstancialização incide sobre o julgamento estético feito pelo falante com o uso do adjetivo. Essa circunstancialização com “estar” é dependente de conhecimentos pressupostos como partilhados, tais como o conhecimento partilhado por ambos de que eles não se viam havia algum tempo, o conhecimento de fórmulas linguísticas esperadas em circunstâncias de reencontro entre duas pessoas que ficaram distantes por um período mais ou menos longo de tempo, etc. O verbo “estar” também sugere que, para o enunciador, o seu interlocutor preserva uma beleza que é reconhecida em seu estado atual. Em (109), o enunciador ostenta orgulhoso a foto da namorada que julga ser linda. Ao escolher o verbo “ser”, ele escolhe classificá-la como uma pessoa linda, escolhe incluí-la na classe de pessoas que, para ele, são “lindas”. Em (110), embora fosse possível o uso de “ser”, parece-nos que seu uso sugeriria deter o enunciador do conhecimento prévio – conhecimento de fato, ou seja, obtido por experiência anterior de degustação daquele mesmo prato, no mesmo restaurante. O uso de “estar”, a seu turno, sugere que a avaliação intensamente positiva feita pelo enunciador do seu prato se dá numa experiência atual. Essa avaliação positiva por meio de “ótimo” foi circunstancializada mediante o uso de “estar”.

No exemplo (112), abaixo, a escolha por “ser” expressa a intenção do enunciador de classificar a pele de Vani com base numa avaliação extremamente positiva, que expressa estado de admiração pelo aspecto físico do referente qualificado. Note-se que o uso de “estar” permitiria um subentendido que está excluído do uso de “ser”. Fatores de ordem psicológica poderiam levar o interlocutor, após ouvir “sua pele está maravilhosa”, a subentender que, outrora, seu parceiro de comunicação não tinha a mesma opinião. O uso de “ser”, no entanto, não dá margem a esse subentendido e serve bem para produzir o efeito emocional desejado, qual seja, causar no interlocutor contentamento ou satisfação.

(112) Vani - Eu fui no dermatologista essa semana.

Waldo - Não, por favor. Dermatologista nenhum pode tocar na sua pele. A sua pele é maravilhosa, Vani

Vani - Você acha?

Waldo - É maravilhosa.

Consideremos, agora, os exemplos (113), (114), (115) e (116). Nos exemplos (113) e (114), note-se o efeito produzido quando do uso de “estar” e “ser” com o adjetivo “ruim”. Com o uso de “estar”, opera-se uma circunstancialização da atribuição do qualificador de valoração. O verbo “estar” marca a circunstancialização da própria avaliação que faz o enunciador do *streptese* da meretriz. Em (114), no enunciado “está ruim de mais”, o adjetivo “ruim” expressa a avaliação negativa do enunciador sobre a representação que ele faz em sua imaginação do modo como deveria comportar-se, ao receber a meretriz em seu apartamento. Compare-se a ocorrência de “estar” aí com a de “ser” em “Chuveiro é ruim de mais”. Nesse caso, o verbo “ser” categoriza a sugestão ideada por Rui de “tomar uma chuveirada” com base na avaliação negativa que ele faz dela. Em outras palavras, escolhendo “ser”, o enunciador expressa a sua crença de que sugerir a uma meretriz uma chuveirada está entre as atitudes que ele considera “de mau gosto”.

(113) Michele – Puxa, mas eu to encenando esse streptese há meio ano já
Rui – Não, olha só, o *streptese* não está ruim não. Mas sabe que é que é esse texto aí seu ele precisa ser trabalhado. Ele tá muito...

(114) Rui –Oi e aí como tá... apertinho de mão. Dois beijinhos e aí tudo bem. Tá parecendo colegial. Tá ruim demais. Vou deixar mais... Oh fica à vontade aqui quer tomar uma chuveirada. Chuveiro é ruim demais. Vou abrir logo a porta abro a porta e digo: oi, entra! Pega aqui!

Também em (115), o uso de “ser” serve para classificar. Nesse caso, classificam-se tipos de construções linguísticas que servem ou para expressar insatisfação do enunciador com o comportamento de seu interlocutor, ou para indicar neste qualidades ou comportamentos depreciáveis, segundo o ponto de vista do enunciador. Chamamos a atenção para a oposição entre “é literalmente melhor” e “é meio ruim” que sugere que as construções linguísticas foram inseridas em categorias cognitivas distintas, segundo a qualificação avaliativa associada àquelas.

O exemplo (116) merece uma atenção mais detida. O uso de “ser” com “degradante” indica que o enunciador classifica seu “emprego” como degradante. O uso de “estar”, embora autorizado pela forma “degradante”, sugeriria que é o

próprio desempenho do enunciador na situação presente que é “degradante”. Posteriormente, a personagem Rui avalia de modo intensamente positivo o *streptease* da meretriz, para o que ele lança mão do verbo “estar”, que serve à circunstancialização da avaliação. O uso de “estar” indica que é a desenvoltura da meretriz, ao realizar o *streptease*, na situação mesma de enunciação, que é avaliado como “ótimo”.

Embora estejamos cientes de que “doente” não se inclui na classe dos adjetivos de valoração, sua ocorrência, para efeito de compreensão dos fatores que condicionam o uso dos verbos “ser” e “estar”, demanda consideração. O adjetivo “doente”, como designe ‘estado de enfermo’, serve para qualificar uma pessoa (ou animal) que se encontra em uma dada condição, qual seja, a de uma pessoa que está com sua saúde debilitada. Trata-se de um adjetivo compatível com os conteúdos pressupostos ‘estado resultante de mudança’ ou ‘estado passível de mudança’; por conseguinte, pode-se dizer que “doente”, qualificando quem sofre de alguma enfermidade, usa-se, via de regra, com “estar”. O uso de “ser”, embora possível, produz outro significado. Por exemplo, quando se diz que alguém é doente, pode-se querer dizer que sofre de uma patologia irreversível, não raro, de natureza psíquica. Nesse caso, “doente”, adquirindo valor pejorativo, pode-se dizer de alguém que sofre de um grave déficit mental ou esquizofrenia.

(115) Rui- Tem que ser uma coisa mais elaborada?

Vani- É literariamente melhor, de nível internacional.

Rui - Tipo assim, você enche meu saco com umas gotas de chuva enche os buracos da Rua.

Vani- Não, é meio ruim essa.

(116) Rui – Não, mas perái. Hein, meu deus... mas olha... Tá tudo bem.. não tem problema nenhum.

Michele – Eu preciso desse emprego. Eu sei que é degradante pra mim. Mas eu preciso desse dinheiro. Eu tenho que mandar pro interior pra minha família. Eu sou arrimo de família. Meu pai tá muito doente. Câncer.

Rui – hein, perái, vamo tá tudo... oh, vai lá oh mete bronca. Tá ótimo eu tô adorando. Tá tudo bem, vai dança, eu to adorando seu *streptease*.

Vejamos mais alguns exemplos:

(117) Vani- Não olha tem uma melhor, é meio rimado é meio “flocô”.

Vani- Tem uma boa, tem uma boa; porque você não vai tomar naquele lugar que não bate sol.

Rui- Essa eu não gostei, essa eu não gostei.

Vani- Essa é muito boa.

(118) Rui – Está legal? Hein, está gostando. Abre mais essa perninha. Está legal?

Vani – Esse barulho está estranho.

Rui – O quê?

Vani – O barulho, Rui.

Rui – Mas que barulho?

(119) Ney - É você está de pé, sua anta.

Vani - Nossa, Rui.

Rui - É assim mesmo.

Silvana- Tu é imprestável mesmo!

(120) Vani - Sujismundo.

Rui - Sujis.... Vani(riso) sujismundo

Vani - É

Rui - É igual à.....Oh Vani, você está ficando velha.

Vani - Olha aqui, velha é a bunda da sua mãe.

(121) Vani- Essa semana eu e o Rui nós vamos ter uma conversa séria.

Rui - Já sabe né? Papo cabeça, vem aí.

Vani - Ué, um casal discutir relação é supernormal.

Rui - É supernormal, mas super sacal.

(122) Rui – ae ela é boa é, é gostosinha?

Vani – você não tem ciúme não?

Denise – Não, ele falou que adora transar ouvindo a Cesária

Nos casos (117), (119), (120), (121) e (122), figura o verbo “ser”. Sua função de operador de categorização pode ser percebida quando o contrastamos com “estar” em (118). Neste caso, o uso de “estar” serve para expressar a circunstancialização da avaliação feita pelo enunciador. Em “está legal?”, o enunciador quer saber se o seu interlocutor concorda ou não em considerar como ‘boa’, ‘agradável’ a situação; seu interlocutor, no entanto, considera ‘esquisito’ o barulho da máquina de lavar. O exemplo (118) ilustra a situação em que Rui e Vani decidem experienciar uma relação sexual incomum, a qual consiste na realização do ato sexual com Vani sentada sobre a máquina de lavar centrifugando.

Gostaríamos de chamar atenção para o exemplo (120), em que ocorre o adjetivo “velha”. Esse adjetivo, segundo a proposta de Neves (2000), deve incluir-se entre os adjetivos classificadores que indicam ‘quantidade de tempo

transcorrido'. No entanto, acreditamos que, em (120), seu uso serve à expressão de uma valoração negativa, à qual se acrescenta uma pejoratividade por força da relação do adjetivo com o constituinte “bunda da sua mãe”. O verbo “ser” serve à classificação do referente com base na qualidade predicada dele.

d) com adjetivos classificatórios

Lembremos que os adjetivos classificatórios “colocam o substantivo que acompanham em uma subclasse, trazendo em si uma indicação objetiva sobre essa subclasse” (Neves, 2000, p. 186). Esses adjetivos têm ainda, segundo Neves, claro valor denominativo, visto que eles servem para denominar a subclasse. Esses adjetivos expressam uma característica que é tomada como ‘propriedade objetiva’ do substantivo a que eles se referem. Por isso, nessa classe, devemos incluir os adjetivos referentes à identidade ou ao comportamento moral. É justamente porque indiquem propriedades tomadas como objetivas que os adjetivos classificatórios são, via de regra, compatíveis com o verbo “ser”. O verbo “ser” é a forma apropriada para indicar que se opera uma classificação do referente do substantivo com base numa propriedade tomada como objetiva, ou seja, como uma propriedade que o enunciador tão-só reconhece ser um componente do substantivo.

Passemos, pois, a considerar os exemplos, a seguir:

(129) Rui - Ih rapa... É...você é nova aqui.

Vivian – Sou.

Rui - Claro, eu teria reparado.

(130) Vani – Ai mas que coisa infantil isso agora. Não tem esse negócio do desdizer. A pessoa disse tá dito. Não tem...

Rui – Desdiz!

Vani – É desdiz você primeiro que eu sou frígida.

Rui – Ok! Você não é frígida.

(131) Rui- Está dando pra ver?

Marta- Ih, coitada da mulher, os peitos pularam pra fora.

Rui - Ih caramba! Que mico!. Essa ai se não morrer afogada não vai pisar com os pés aqui dentro tão cedo.

Marta- Pena, que não dá pra ver a cara dela. Mas é branquela, viu.

(132) Vani – Ah! Você é crente?

Bete – Você acha que crente usa piercing no mamilo?

Vani– Ah!

(133) Tato – Se eu afundar bem devagarinho, ninguém vai reparar.

Rui – Coitado! Tão jovem! Entregue ao tóxico. Dá uma pena isso.

Vani – É tão careta ele. É libra com ascendente em Áries.

(134) Vani – Que que é isso?

Rui – Vocês dois aí! Toxicômanos aí!

Vani – Como você é preconceituoso, hein, Rui! Nossa! O homem tem cara de caixa de banco

(135) Tato – Essa mulher passou uma cantada em você no banheiro.

Bete– Claro que não, Tato. Ai, Tato! A mulher tá jantando com o noivo.

Tato – Ele é swingueiro. Não tira o olho de você, ó!

É particularmente interessante considerar a ocorrência do verbo “ser” com o adjetivo “nova”, em (129). Esse adjetivo qualifica um substantivo que designa uma pessoa de cuja existência o enunciador toma consciência no momento mesmo da enunciação. Esse adjetivo, modificando um substantivo [+ hum], indica se tratar de uma pessoa recentemente chegada à empresa onde Rui trabalha. Trata-se de uma pessoa desconhecida dele, que começa a tomar parte no convívio com os demais funcionários.

Nos demais exemplos (de (130) a (135)), o verbo “ser” combina-se com adjetivos que designam traços relativos à identidade da pessoa designada pelo substantivo. Importa-nos notar a ocorrência de “ser” em (131), (134) e (135). Em (131), a forma ‘branquela’ parece comportar carga pejorativa, dada a ocorrência do sufixo “-ela”, o que confere ao verbo “ser” o papel de elemento de rotulação. Em (134), a base da forma “preconceituosa” – o substantivo “preconceito” – traz, em si mesma, uma carga pejorativa, que se intensifica com o uso do sufixo “-oso”. O verbo “ser” classifica com base numa qualificação extremamente negativa do enunciador. Finalmente, em (135), “swingueiro” diz-se de quem gosta de realizar práticas sexuais com troca de casal. O uso de “ser” serve à classificação do referente com base num comportamento que se considera constitutivo da identidade da pessoa que o assume.

Considerem-se estes três outros exemplos:

(136) Na porta de um motel:

Tato – Já sabem, né? Agindo normalmente.

Rui – Então, deixa eu falar que eu tenho cara de sério. (com sotaque para a recepcionista) Olá! Nós somos naturalistas suecas viajando para o Brasil. Estamos em busca de um campo de nudismo em Santa Catarina. Gostaríamos de pernoitar!

(137) Michele – Não é bem plantão.

Vani – Não, péra aí. Elas são então residentes no hospital.

Michele – Menina, você é boa mesmo, hein?

Vani – Estudante de medicina

Michele – Nossa! Como é que você adivinhou?!

(138) Vani – Falo eu. Então eu vou falar tudo bem a gente quer transar com vocês tá? Só que a gente quer avisar uma coisa: nós somos adeptos do sadomasoquismo.

Os adjetivos que ocorrem em (136), (137) e (138) também podem ser situados no campo da identidade. Em (136), ‘naturalista’ caracteriza não quem se dedica ao estudo de plantas, minerais e animais, mas quem é adepto da prática de nudismo. Em (137), o adjetivo ‘residente’ deve situar-se no campo semântico de atividade profissional. São ‘residentes’ os médicos que participam de um programa de especialização, durante o qual eles adquirem responsabilidades e habilidades de modo progressivo e tutelado. Ao final do estágio como residentes, esses médicos se submetem a um exame a fim de obter a Licenciatura em Medicina. Em (138), cabe notar que o adjetivo ‘adepto’, por envolver a ideia de adesão a uma doutrina (pense-se no caso dos adeptos de doutrinas religiosas), a uma prática ou comportamento habitual, seleciona preferencialmente o verbo “ser”, o qual indicaria se tratar essa adesão de um aspecto relacionado à identidade pessoal do adepto. Não se segue daí que sugerimos a impossibilidade de uso de “estar” com “adepto”, mas devemos reconhecer, a depender do ambiente sintático-semântico em que se insere “estar”, o significado resultante da combinação do verbo com o referido adjetivo sofre certa modificação. Veja-se, por exemplo, a frase “Eu estou adepto a mudanças”, na qual “adepto” assume o significado de ‘disposto a’, ‘propenso a’, ‘mostrar-se favorável a’. Em (138), os enunciadores não são só favoráveis ao sexo sadomasoquista (isso evidentemente está pressuposto), eles são praticantes desse tipo de sexo.

As amostras (139) e (140), a seguir, merecem uma atenção especial; por isso, vamos considerá-las separadamente dos demais exemplos. Ambas encerram adjetivos que mantêm relação com o campo semântico epistêmico.

(139) Vani - Tem que beber aquele “mossoshira” aquela sopinha japonesa.
 Vani - Cadê esse sapo?
 Susy - Tá ali, ó
 Vani - Aonde?
 Susy - Ali.
 Vani - Aonde?
 Susy - Ali.
 Vani - Vamos usar o raciocínio, Suzi. Sapo não é inteligente. E aí Suzi vambora?

(140) Vani - Rui, a tua mãe não é miserável.
 Rui - É e a sua não é ignorante (beijos).

Deve-se notar que, em (139), tendo em conta o fato de o adjetivo “inteligente” predicar de um sujeito representado por um substantivo como “sapo”, ao se negar que o sapo é inteligente, quer-se dizer que ele é privado da capacidade de compreensão. O predicador “inteligente”, embora não rechace o uso de “estar”, impõe certas condições semântico-sintáticas para o seu uso. Em primeiro lugar, ‘inteligente’, enquanto predicador, exige, para a posição de argumento (sujeito) um substantivo necessariamente [+anim]. Esse traço semântico limita o domínio referencial desse adjetivo aos substantivos que designam seres animados. No entanto, mesmo nesse conjunto, há restrições. Admite-se que chimpanzés sejam, em certa medida, inteligentes, se os comparamos com galinhas, animais a que negamos inteligência. Reconhece-se que golfinhos são dotados de inteligência; mas não há evidências de que tubarões a possuam. Decerto, “inteligente” é, sistematicamente, empregado para qualificar seres humanos, únicos seres vivos dotados de múltiplas formas de inteligência, graças às quais são capazes de compreender. Essas considerações são importantes, pois que contribuem para iluminar a razão por que é aceitável para falantes nativos de português um enunciado como “Este menino está muito inteligente”, mas menos aceitável um enunciado como “Este golfinho está muito inteligente”. Quando aplicado a seres humanos, o adjetivo “inteligente” supõe que a inteligência de que são dotados pode ser vista como uma faculdade passível de

desenvolvimento. O uso do verbo “estar” marca o estágio atual desse desenvolvimento. Em outros termos, o uso de “estar” pressupõe o desenvolvimento na inteligência do menino. Assim, dizer que o menino está muito inteligente é dizer que ele se encontra num estado avançado de inteligência. Disso não se segue que estamos sugerindo que “ser” não possa ser usado quando “inteligente” qualifica um ser humano, como em “Maria é inteligente, mas sua irmã nem tanto”. Nesse caso, contudo, inteligente não qualifica com base numa faculdade natural comum a todos os seres humanos (a faculdade de compreensão), mas com base na percepção de que “Maria” exibe certos conhecimentos e habilidades de que sua irmã é privada. Assim, “inteligente” pode selecionar “ser” e um sujeito [+hum], embora qualifique alguém que detém muito conhecimento ou “cultura”. Cumpre notar que o nosso conhecimento de mundo vem em socorro quando precisamos decidir entre o uso de “ser” e o de “estar” com o predicador “inteligente”. Esse conhecimento de mundo recobre tanto conhecimentos sobre fatos do mundo natural quanto conhecimentos de ordem puramente linguística.

Em (140), “ignorante” foi usado analogamente a “inteligente”, em nosso exemplo “Maria é inteligente, mas sua irmã nem tanto”. O adjetivo “ignorante” caracteriza quem não é dotado de muita instrução, quem não detém muito saber em matérias socioculturalmente valorizadas. Esse adjetivo comporta um aspecto semântico distintivo. Em primeiro lugar, quando significa ‘privação de instrução’, ele não parece admitir o verbo “estar”. Todavia, o admite, se qualifica alguém que se comporta com rispidez, com certa agressividade (inclusive, verbal) (p.ex. Você está ignorante comigo.) Em segundo lugar, significando ‘privação de instrução em dada matéria’, “ignorante” permite pressupor o conteúdo ‘estado passível de mudança’, muito embora não admita “estar”, como em “Eu ainda sou ignorante nessa seara” (cf. (?) Eu ainda estou ignorante nessa seara). Não se nos escapa à percepção, no entanto, o fato de que aquele pressuposto é muito mais dependente de nossas expectativas sobre qual deve ser a atitude daquele que ignora (sabemos que sua ignorância é temporária e pode ser resolvida) do que da natureza semântica do próprio adjetivo. A título de esclarecimento, coteje-se “ignorante” com “quente”, em “O café está quente”. Sabemos que “quente” designa um estado resultante da elevação da temperatura do “café”. Sabemos também que esse estado é passível de mudar (de “quente” para “morno”, “frio”...). Portanto, ao

contrário do que parece suceder com “ignorante”, o conteúdo ‘estado passível de mudança’ está inscrito na semântica do adjetivo “quente”.

Tanto o adjetivo “inteligente”, em (139), quanto o adjetivo “ignorante”, em (140), têm valor classificatório, já que servem para classificar o referente do sujeito com base na qualificação que fazem dele. O verbo “ser” é, conforme vimos insistindo, a forma apropriada para realizar a função de classificação.

Em (141) e (142), a seguir, é a natureza semântica dos respectivos adjetivos “psicológico” e “imortal” que determina o uso do verbo “ser”.

(141) Tato – Bete, deixa de ser atrasada. Terceiro milênio. Hoje em dia, indecência é normal.

Bete – É! Mas qual é a graça. Você nem conhece a pessoa e já vai transando.

Tato – Mas essa é a graça. Cê nem conhece a pessoa e já vai transando.

Vani – Ai! Tô tão mal, Rui. Tô me sentindo tão mal. Tô péssima.

Rui – Não! É psicológico. Ó! Creme de papaia.

(142) Vani - Que saco...Ah, então que dizer que você acha que amanhã você é imortal.

Rui - Sou, amanhã, sou imortal. Se alguém quiser me dar um terço, a bala bate no meu peito, ela quiçá, tum, tum,tum,tchum

Em (141), “psicológico”, denotando ‘delimitação de domínio de conhecimento’, não admite o uso de “estar”. Deve-se notar, pois, uma generalização importante: todos os adjetivos que servem à delimitação de domínio de conhecimento ou estudo selecionam sempre “ser” e nunca “estar”. A essa classe, além de “psicológico”, pertencem “fisiológico”, “antropológico”, “geográfico”, “biológico”, etc. A razão pela qual tais adjetivos são compatíveis com “ser” parece dever-se ao seu caráter inegavelmente classificatório. Em (142), o adjetivo “imortal”, à semelhança de seu correlato antonímico “mortal”, designa um ‘estado’ ou ‘condição’ definitiva. Esse adjetivo descreve um ‘estado’ que não se presta a uma interpretação do tipo ‘estado passível de mudança’; por isso é incompatível com o uso de “estar”. Ademais, também devemos reconhecer seu caráter classificatório. No mundo discursivo proposto, questiona-se a possibilidade de categorizar os seres humanos como ‘mortais’ e ‘imortais’.

Outro adjetivo que, comportando caráter classificatório, não admite “estar” é o adjetivo “familiar”, no exemplo (143), abaixo:

(143) Tato – Não! Que nada! Fica tranqüilo! O bairro é familiar. Baixa um pouco a música que essa é das cachorras e a gente tá entrando no território das poposudas.

Rui – Ah! Tá!

Importa notar que “familiar” significa, nesse caso, ‘conhecido’ (ainda que de modo mais ou menos vago) e caracteriza, portanto, um referente que constitui um ‘dado’ do conhecimento de mundo do enunciador. O “conhecido” constitui um elemento de que o enunciador teve experiência direta em um momento anterior.

Atentemos, agora, para os exemplos (144) e (145), a seguir.

(144) Vani- Ai não, telefone não

Rui - Ai, per aí eu tenho que atender.

Vani - Não atende não Rui, não, não atende não

Rui- Mô, telefone essa hora é urgente.

Vani- Não atende, telefone essa hora é engano. É engano, Rui

(145) Rui – A mãe da Vani achasse que não ia ser seguro mandar os casacos e o dinheiro pelo motorista do táxi e viesse pessoalmente entregar pros mendigos.

Bete e Tato riem.

Tato– Essa ia ser engraçada!

Vani – Isso não é engraçado não, que a mamãe é cardíaca, me visse aqui pelada com mais três no motel?!

Em (144), “urgente” pode ser entendido como ‘que tem caráter de urgência’. Para o enunciador, receber telefonema numa certa hora do dia (supostamente na madrugada) é sinal de que o sossego da rotina será suspenso, visto que o enunciador, por força da notícia comunicada por telefonema, deverá mobilizar ações imediatas. O adjetivo, tendo caráter classificatório, só admite o uso de “ser”. Sua ocorrência serve para tipificar ou classificar o evento ‘receber um telefonema numa certa hora’ de ‘urgente’ com base em consequências supostas como já conhecidas pelos interlocutores. Tais consequências dizem respeito aos efeitos que o telefonema produzirá no comportamento de quem atende ao telefone (por exemplo, deixar sua casa imediatamente para socorrer um amigo em dificuldades).

Em (145), “cardíaca” caracteriza uma pessoa que sofre do coração. É parte dos contextos sociocognitivos partilhados pelos interlocutores da situação representada o conhecimento de que uma pessoa cardíaca sofre de uma enfermidade do coração que é irreversível e que deve ser tratada com o uso de medicamentos pelo resto da vida. Não só o estado inalterável inferido da enfermidade com base na qual se opera uma caracterização com a forma “cardíaca” ajuda-nos a compreender o uso de “ser”, mas também o caráter classificatório dessa forma. Uma pessoa de que se diz ser “cardíaca” é considerada um membro de um grupo a que pertencem todas as pessoas que sofrem de uma enfermidade do coração. O caráter classificatório do adjetivo também se deduz do fato de ele denotar uma propriedade objetiva, ou seja, a enfermidade “está na pessoa” que dela sofre independentemente do conhecimento, interpretação, percepção de outra pessoa.

Finalmente, considerem-se estes três exemplos a seguir:

(146) Vani – Ah olha o encanador bem dotado ele desentope qualquer parada. Essa história é de uma garota molhadinha que tem o chuveiro consertado pelo encanador bem dotado. Esse é clássico, né?

(147) Rui - Peraí, quer dizer não tem ninguém morrendo aqui? Eu vim aqui à toa?

Silvana- Ah! Não isso é relativo, morrendo estamos todos, depende da data é uma questão de tempo.

(148) Michele – eu sei as pessoas são preconceituosas, né?

Vani – Muito. Você pode me emprestar um vestido? Eu sou noiva ali do morador do 201.

Michele – O meia-bomba?

Vani – Conhece?

Começamos notando que, em (146), o adjetivo “clássico” indica que o filme pornográfico é qualificado como um modelo do gênero. O caráter classificatório do adjetivo, responsável por determinar o uso de “ser”, se expressa por meio de uma caracterização que se faz com base na história do filme, história que é vista como estereotípica. Em (147), “relativo” caracteriza com base na percepção de que há coisas, acontecimentos, fatos que devem ser considerados, avaliados em relação uns aos outros, num dado universo de referência. Devemos notar que “relativo” serve para indicar que o referente de “isso”, qual seja, a

informação de que “não tem ninguém morrendo aqui” deve ser interpretada relativamente ao saber comum segundo o qual “todos nós estamos destinados à morte”, o que sugere que, de certa forma, todos estamos morrendo. O adjetivo “relativo” sugere ao interlocutor que ele deve considerar o ‘fato da morte’ não como um acontecimento imediato, mas como uma condição a que estamos destinados todos nós. A classificação por meio de “relativo” se opera em oposição a “absoluto”, de modo que, na perspectiva do enunciador, há fatos, acontecimentos que devem ser compreendidos em dependência com outros fatores, ou seja, que não podem ser vistos de modo absoluto (independente).

Por fim, o caso (148) se destaca pela ocorrência de um adjetivo que admite o uso tanto de “ser” quanto de “estar”, haja vista enunciados como “Vani é noiva” e “Vani está noiva”. Como “noivo” denote um compromisso baseado numa promessa que pode ser revogada, esse adjetivo é compatível com o conteúdo estado ‘resultante ou passível de mudança’, donde se segue a possibilidade de usar “estar”. No entanto, em (148), apenas o uso de “ser” faz sentido e deve ser visto como a escolha mais adequada, tendo em conta os contextos sociocognitivos partilhados pelos interlocutores. É notável o fato de que Vani e Michele não conheciam uma a outra até aquele momento. Sendo uma estranha para seu interlocutor que lhe pede emprestado um vestido, Vani precisa apresentar-se, ou melhor, identificar-se. A escolha por “ser” é determinada pelo propósito que tem o enunciador de identificar-se para um interlocutor que até aquela altura lhe era um estranho.

Embora admita a ocorrência de “estar”, parece-nos inegável a possibilidade de atualização do caráter classificatório do adjetivo “noivo”, quando usado com “ser”. Considere-se “noivo” em relação com “namorado”, “casado”, “divorciado”. Todas essas formas servem para classificar estados de relacionamento.